

Novidades nas Convolvulaceae da flora amazônica

Daniel F. Austin (*)

Resumo

Durante um estudo da Convolvulaceae na zona neotropical, encontraram-se algumas novidades na Amazônia Legal. Entre essas, estão um nome novo (*Ipomoea lepieurii* D. Austin), duas espécies novas de (*I. carajasense* D. Austin e *I. cavalcantei* D. Austin), e duas espécies antes desconhecidas na Amazônia (*Operculina sericantha* (Miguel) v. Ooststroom e *Merremia wurdackii* Austin & Staples).

O autor passou os meses de setembro até dezembro de 1979 na Amazônia, estudando a família das Convolvuláceas e participando de uma viagem como parte do Programa Flora. Foi possível estudar com mais detalhes algumas amostras de herbário, que, em especial, chamaram a atenção. Mais tarde, será apresentado um estudo sobre toda a família das Convolvuláceas da Amazônia, mas, antes disto, torna-se necessário dar atenção às novidades que aparecem.

1. *Ipomoea lepieurii* D. Austin, nom. nov.

Merremia linearifolia H. Hallier, Jahrb. Hamb. Wissens. 16: 36. 1899.

Tipo: Guiana Francesa. Caiena. leg. Lepieur em 1839 (original não visto, um fragmento em MO; vê-se foto do original em O'Donell, Lilloa 6, lâmina VII).

Como o material estudado por Hallier (1899) não tinha flores, esta espécie foi colocada por ele, erroneamente, no gênero *Merremia*. Nos fins de 1979, estudei as plantas vivas em dois lugares, no Território Federal do Amapá. A forma da flor, que abre cedo, pela manhã, e fecha perto do meio dia, a forma das sementes e o pólen espinhento indicam que a espécie pertence ao gênero *Ipomoea* em vez de *Merremia*.

Um novo nome é proposto em troca do nome Hallier por causa da pré-existência de

Ipomoea linearifolia Hook. f. (1847). Já é conhecido que esta espécie vegeta somente numa zona restrita da Guiana Francesa até o norte do Território do Amapá. Todas as populações que encontramos estavam crescendo em poços, em cima de pedras montanhosas graníticas. Parece que a preferência desta espécie é vegetar em camadas húmidas alagadas pelo menos durante a época chuvosa. Na época seca, quando estudamos essas plantas no campo, alguns lugares já estavam alagados e outros estavam secos. Como as plantas têm raízes prostradas e subterrâneas, passam a seca sem morrer.

BRASIL. T. F. do Amapá. Rio Araguari, downriver from Porto Platon. 16 Sept. 1961. Pires, Rodrigues & Irvine 50968 (MG); mesmo lugar. 2 Set. 1961 Pires, Rodrigues & Irvine 51140 (MG, NY); Rio Oiapoque, near Mt. Carupina. Pires & Westra 48812 (MG); Cidade das Pedras, abaixo da vila de Porto Grande. 18 out. 1979. Austin, Nauman, Secco, Celso, Silva & Rosa 7089 (MG, NY); ca. 2 km N. do igarapé Carnot Pequeno, montanha de pedra. 8 nov. 1979. Austin, Nauman, Rabelo Silva & Rosa 7342 (MG, NY).

2. *Ipomoea carajasensis* D. Austin, sp. nov.

Herbae prostratae, ramis glabris. Folia sagittata, acuminata, lobis acutis vel obtusis basaliter, mucronatis, 3-6 cm. longa, vulgo 1 cm. lata, raro majora, glabra. Flores solitariae axillis orti. Sepala inaequalia, exteriora 4-5 mm. longa, ovata, glabra, verruculosa basaliter, interiora 7-8 mm. longa, glabra, late ovata, mucronulata, laevia. Corolla purpurata, infundibuliformis, 3.5-4.5(-6) cm. longa, glabra. Stamina tubis inserta, inaequalia, 15-20 mm. longa; filamenta 12-18 mm. longa. glandulifera basaliter; antherae 3 mm. longae, lineares, hastatae basaliter; styli 19-20 mm. longi, stigmata 2-globosa, papillosa. Cetera ignota.

(*) — Department of Biological Sciences, Florida Atlantic University, Boca Raton, Florida, U.S.A. 33431.

Cipó rasteiro, ramos glabros. Folhas sagitadas, acuminadas, com os lóbulos basais agudos ou mais raro obtusos, 4-6 cm de comprimento por 1 cm de largura ou, às vezes, quase 2 cm de largura, glabras. Flores solitárias, nas axilas das folhas. Sépals desiguais, as exteriores 4-5 mm de comprimento, ovais, obtusas, verruculosas, as interiores 7-8 mm de comprimento, glabras. Corolas violáceas ou roxas, infundibuliformes, 3,5-4,5 ou, mais raro, 6 cm de comprimento, glabras. Frutos não vistos.

Esta espécie é bastante parecida com a *Ipomoea sagittata* Poir., que não é conhecida

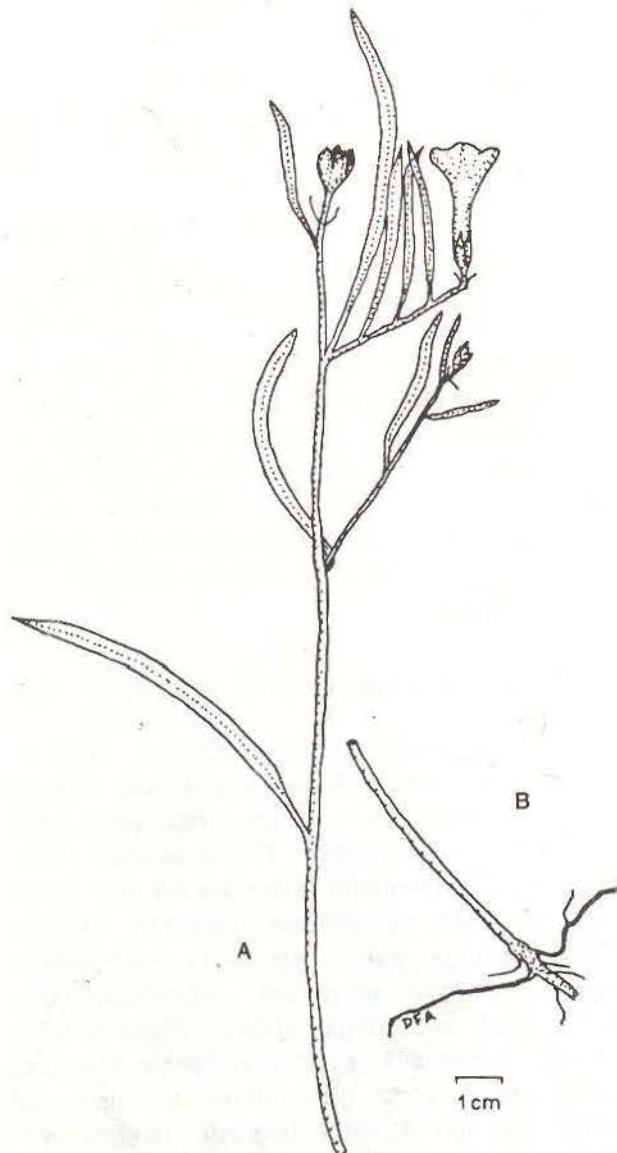


Fig. 1 — *Ipomoea lepreurii* D. Austin. A) Ramo superior; B) Ramo inferior com raízes. Desenho de Pires et al. 51140 (NY).

ao sul da Guatemala, na América Central. A espécie brasileira é menor que a outra, também na folha e na flor. Até agora, *I. carajasensis* é conhecida somente da região da serra dos Carajás, onde parece ser endêmica.

BRASIL. Pará. Marabá, serra dos Carajás, platô a 700 m de alt., rocha de minério de ferro. Lajedos com escassa camada de húmus. Rasteiro no lajedo, flor violácea, muito freqüente. 22 maio 1969. P. Cavalcante 2115 (Holótipo MG.). Marabá, serra dos Carajás; arredores do aeroporto, solo pedregoso. Cipó rasteiro, flor roxa. 2 abr. 1977. M.G. Silva & R. Bahia 3003 (Parátipo MG).

3. *Ipomoea cavalcantei* D. Austin, sp. nov.

Suffruticosa scandentis, ramibus pilosis indumentis appressis. Folia vulgo elliptica cetera oblonga, obovata vel lanceolata, 4-8 cm. longa, 1-2.5 cm. lata, basibus cuneatis vel obtusis, apicibus obtusis vel rotundatis, raro acuminatis, mucronatis, indumentis villosis appressis utrinque junioribus, sparsis tandem, persistentibus venis subter. Flores 1-3, solitarii vel cymis axillis orti. Sepala 10-12 mm. longa, subaequalia, obtusa, mucronata, pubescentia, trichomatibus appressis, luteis. Corolla rubra, hypocrateriformis, 5-5.5 cm. longa, interplicis indumentis albis vel luteis. Stamina tubis exserta, 4-5 cm. longa, filamenta 3.5-4 cm. longa, villosa basaliter; antherae 5-6 mm. longae, lineares, hastatae basaliter; styli 3-3.5 cm. longi, stigmata 2-globosa. Fructus immaturus, ovoideus, fuscus, apiculatus, glabrus.

Arbusto escandente; ramos pilosos com pêlos adpressos. Folhas principalmente elípticas, às vezes, oblongas, obovadas a lanceoladas, 4-8 cm de comprimento, 1-2,5 cm de largura, base cuneata à obtusa, ápice obtuso, arredondado, raramente acuminado, com pubescência adpressa em cima e em baixo. Flores 1-3, solitárias ou em cimas axilares. Sépals 10-12 mm de comprimento, quase iguais, obtusas e mucronadas, pubescentes. Corolas vermelhas, hipocrateriformes, 5-5,5 cm de comprimento, com pubescência branca ou amarelada entre as zonas dobradas. Frutos imaturos, ovóides, glabros, apiculados.

Esta espécie é algo parecida com a *I. argentea* Meisn. in Mart, que ocorre nos campos e cerrados do Brasil e Venezuela. *Ipomoea cavalcantei* é bem diferente na forma da corola (hipocrateriforme em vez de infundibuliforme). Também pode ser confundida com *I. longistaminea* O'Donnell, da Bahia, mas aquela espécie não tem folhas na época de floração, e as sépalas são glabras.

BRASIL. Pará. Marabá, serra dos Carajás, platô a 700 m de alt., rocha de minério de ferro, com escassa camada de húmus escandente, flores vermelhas. Freqüente em toda a área. 21 de maio 1969. P. Cavalcante 2086 (Holótipo MG). Marabá, serra dos Carajás, serra Norte, Clareira N-1. Comum. 18 abr. 1970 P. Cavalcante & M.G. Silva 2651 (Parátipo MG). Marabá,

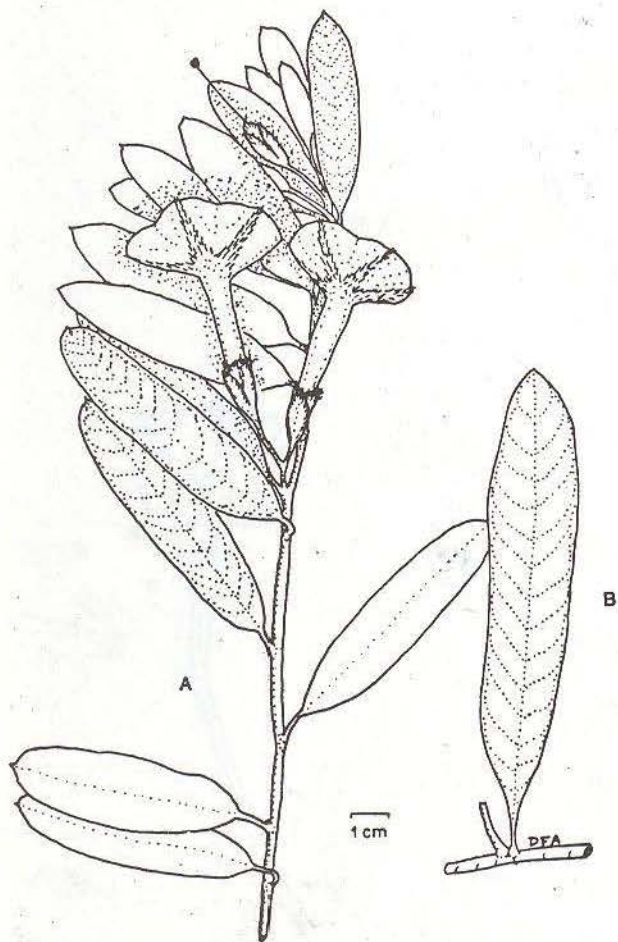


Fig. 2 — *Ipomoea cavalcantei* D. Austin A) Ramo superior; B) Ramo inferior com folha maior. Desenho de P. Cavalcante 2086 (holótipo MG).

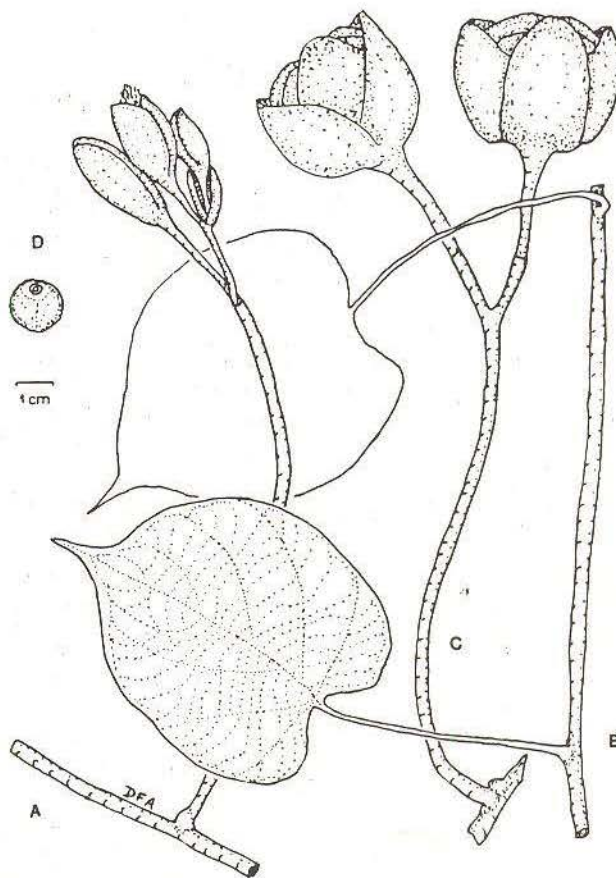


Fig. 3 — *Operculina sericantha* (Miq.) v. Ooststroom. A) Ramo com botões; B) Ramo com folhas; C) Ramo frutífero; D) Semente. Desenho de Irwin et al. 48266 (NY), frutos e folhas; Steyermaek et al. 115156 (MO), botões.

serra dos Carajás, setor nº 4. Ilha de mata. Muito freqüente. 25 mar. 1977. M.G. Silva & R. Bahia 2911 (Parátipo MG).

4. *Operculina sericantha* (Miquel) v. Ooststroom in Pulle, Flora of Surinam, 4:87. 1932.

Ipomoea sericantha Miquel, Stirp. Surin. 131. 1850; Meisn. in Mart., Fl. Bras. 7: 264. 1869.

Operculina surinamensis Meisn. in Mart., Fl. Bras. 7: 214. 1869.

Conhecida só em Suriname desde 1850, esta espécie é agora representada nos herbários de Venezuela, Guiana Francesa e Brasil. Provavelmente, esta é a planta reportada por Macbride (Field Mus. Nat. Hist., Bot. 13 (pt. 5, no. 1): 479. 1959) no Peru, mas eu não estudei a amostra que serviu de base da observação de Macbride.

Operculina sericantha é muito semelhante à *O. codonantha*, que vegeta na ladeira ocidental dos Andes, no Equador, Venezuela ocidental e Panamá. São poucas as diferenças, e devem ser relativas. As plantas da Amazônia têm flores cimosas e as de *O. codonantha* são comumente solitárias. Os pedúnculos de *O. codonantha* têm asas, e essas são ausentes em *O. sericantha*.

BRASIL. T.F. Amapá. Região de Mazagão. 1 nov. 1979. Austin, Nauman, Secco, Rabelo, Silva & Rosa 7299 (MG, NY).

GUIANA FRANCESA. NE Cachoeira Manua 15 set. 1960. H. Irwin et. al. 8266 (NY).

VENEZUELA. Delta Amacuro. Dept. Antonio Díaz. 21 out. 1977. J.A. Steyermark et al. 115156 (MO).

5. *Merremia wurdackii* Austin & Staples, Mem. N.Y. Bot. Gard. 32 : 320. 1981.

Esta espécie foi recoletada no Estado Bolívar, na Venezuela, em 1955. Desde então não tenho visto material de nenhum dos países da América do Sul. Durante nossa excursão no T. F. do Amapá, em 1979, o Sr. Benedito Rabelo encontrou algumas plantas em capoeira de várzea. Embora os frutos se diferenciem um pouco dos da coleção de Venezuela, são poucas as diferenças entre as amostras. Acredito que representem a mesma espécie.

A nova coleção dá um pouco mais de informação sobre a espécie. A espécie começa a abrir as flores quase às 11:00 horas da manhã. Antes desta hora, as flores estão completamente fechadas. Esta característica é comum

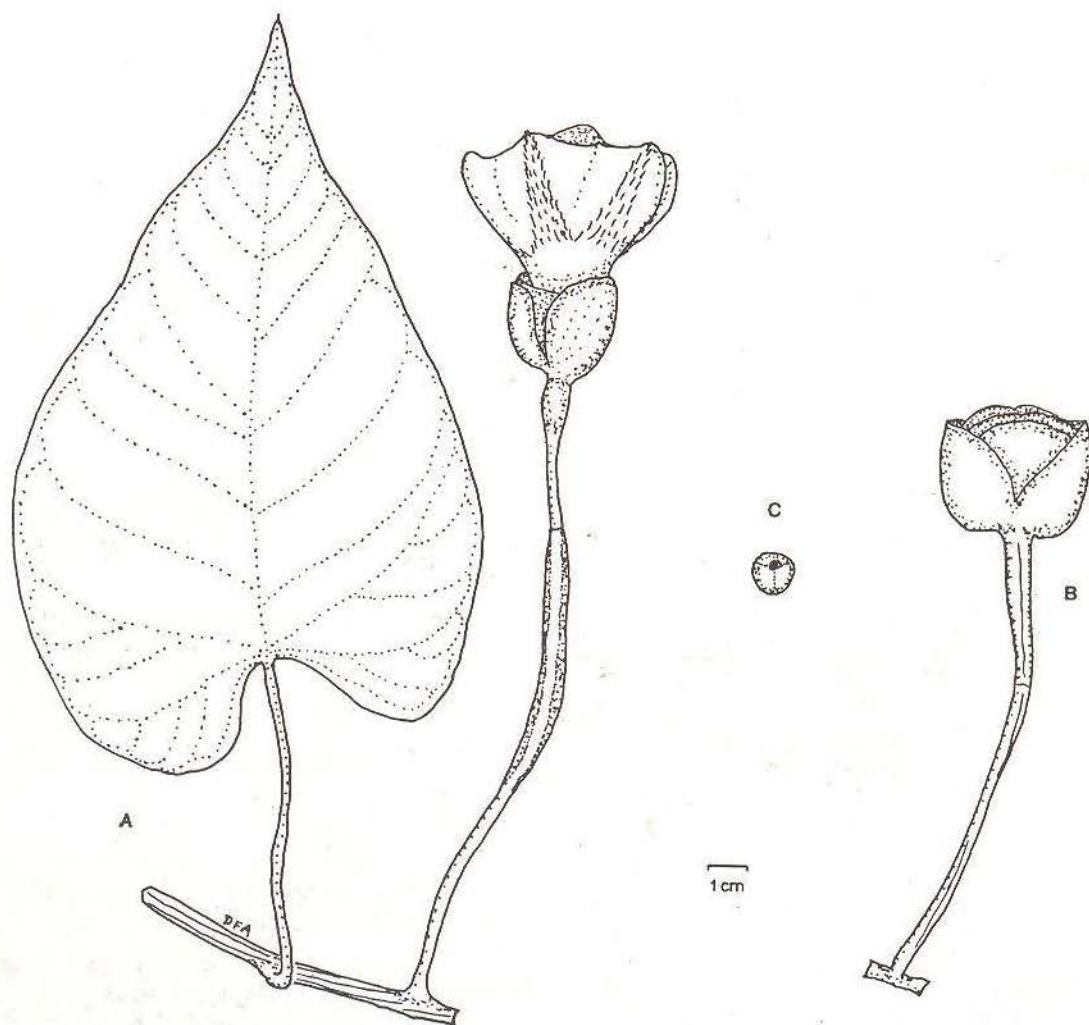


Fig. 4 — *Operculina codonantha* (Benth.) H. Hallier em contraste à *O. sericantha*. A) Ramo com flores e folha; B) Fruto; C) Semente. Desenho de Eggers 15770 (M), flor e folha; Stark et al. 8982 (UC), fruto e semente.

ao gênero *Merremia*. As flores fecham depois de uma hora da tarde.

BRASIL. T. F. Amapá. Entre km 25 da BR-156 e Matapi, NW de Macapá. 16 nov. 1979. Austin, Nauman, Rabelo, Silva & Rosa 7413 (MG NY).

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer ao Dr. Ghilleen T. Prance (New York Botanical Garden) pela oportunidade de visitar o Brasil de novo e fazer este estudo como parte do *Projeto Flora Amazônica/Programa Flora* apoiado pelas Bolsas da National Science Foundation (INT 78-23341) e do CNPq. No Museu Goeldi, em Belém, o Dr. Luiz Miguel Scaff (Diretor), Dr. João Murça Pires (Departamento de Botânica), Dr. Paulo B. Ca-

valcante (Departamento de Botânica) e outros, com muita gentileza, ajudaram o autor de diversos modos. No Museu Costa Lima, em Macapá, o Dr. Antônio Carlos Farias (Diretor) e Sr. Benedito Rabelo (Botânico do Museu) nos ajudaram materialmente. Dr. Prance e Dr. Scott Mori (New York Botanical Garden) ofereceram comentários sobre a versão portuguesa deste manuscrito.

SUMMARY

During a study of the Neotropical Convolvulaceae several novelties were found in Amazonia. Among these records is a new combination (*Ipomoea lepieurii* D. Austin), two new species (*Ipomoea carajensis* D. Austin and *I. cavalcantei* D. Austin), and two South American taxa previously unknown in Amazonia (*Operculina sericantha* (Miguel) v. Ooststroom and *Merremia wurdackii* Austin & Staples).